

o verde-oliva

Centro de Comunicação Social do Exército | Brasília, março de 1983 | Ano X | N.º 84



31 de março de 1964

Revolução Democrática

JOVEM,

No dia em que você veste a farda, passa a ser um novo homem — um Soldado do Exército Brasileiro

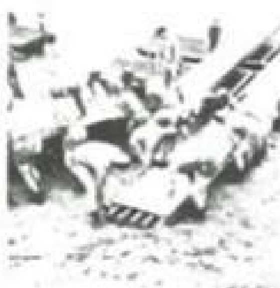


INSTRUÇÃO



DEDICAÇÃO







ESPECIALIZAÇÃO



ADESTRAMENTO





Serviço Militar–

A Segurança do Brasil em nossas mãos

O dia da Incorporação

O Exército Brasileiro, como faz anualmente, preparou com esmero a recepção aos novos soldados. De Norte a Sul do País, nossas Organizações Militares desenvolveram intensos trabalhos, tanto no campo administrativo, quanto no planejamento da instrução militar.

As fotos e os textos abaixo retratam o dia da incorporação em uma de nossas Unidades, o 26.º Grupo de Artilharia de Campanha, sediado em Guarapuava — PR.



Autoridades e familiares participam da solenidade



A namorada conhece o armário novo



Soldado, o orgulho da família

"A guerra não é um objetivo, mas uma circunstância que não pode apanhar um povo desprevenido. Daí o chamado da juventude às armas por breve tempo da sua vida, para que na ativa ou na reserva, componha a vanguarda da segurança e dos ideais do Brasil."

Austregésilo de Athayde
(Trecho de "Honra e Glória do Serviço Militar")



Pela manhã, a entrada solene dos conscritos



Os presentes percorrem todas as dependências do quartel



A banda de música da cidade abrilhanta o evento



À noite, os novos soldados assistem à mensagem do Ministro do Exército

Castelnuovo

Situação dos Brasileiros

Coberta de glórias em Monte Castello, em 21 Fev 45, a 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1.ª DIE) buscava o inimigo nazi-fascista através das escarpas dos Apeninos. O nosso dispositivo fora reajustado tendo em vista o prosseguimento. Em linhas gerais, a nova missão consistia em realizar ações de limpeza no vale do Rio Marano segundo a direção Santa Maria Villiana — Monte Della Croce e apossar-se da grande crista Torre Di Nerone — Castelnuovo.



O Terreno e o Inimigo

Prosseguia o mesmo relevo acidentado, já palmilhado arduamente nos combates de Monte Castello — La Serra. Ocupavam-se elevações de picos permanentemente nevados. Progredia-se através de vales constantemente batidos pelo fogo do inimigo, que se agarrava tenazmente a cada dobra do terreno.

Confrontando a nossa direção de deslocamento, destacavam-se as alturas de Monte Della Croce e Soprasasso, ocupadas pelo inimigo e com excelentes condições de vistas e de fogos sobre os nossos movimentos.

Soprasasso interpunha-se à conquista do baluarte de Castelnuovo.

Era um espigão de encostas íngremes e trabalhadas a fundo pela erosão. Debruçava-se sobre vales e estradas, com suas casamatas e observatórios, controlando todo o movimento na área.

Castelnuovo era um ponto forte que dispunha de excelentes abrigos e casamatas, em condições de oferecer sólida resistência à nossa progressão.

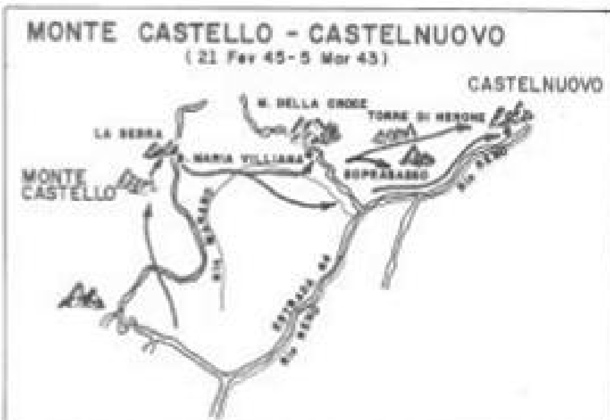
O inimigo espalhara, nas zonas de passagem obrigatória, extensos e bem camuflados campos de minas, cobrindo o vale do Rio Marano e a região de Soprasasso — Castelnuovo.

Preliminares do Combate

Durante as jornadas de 03 e 04 de março de 1945 prosseguiu o avanço brasileiro, de acordo com o planejado. Desdobraram-se as atividades de limpeza no Vale do Rio Marano. No dia 04 foram ocupadas S. Maria Villiana e elevações próximas, permitindo aos americanos a rápida neutralização de Monte Della Croce. Ações diversionárias e agressivo patrulhamento propiciaram cerrar o contato e conhecer o dispositivo inimigo. Chegavam a bom termo os preliminares da ação sobre Castelnuovo.

A Conquista de Castelnuovo (05 Mar 45)

A operação planejada pelo Comandante da Divisão, General João Baptista Mascarenhas de Moraes, constituía-se, em linhas gerais, de dois ataques combinados. Um progrediria ao longo da crista de Castelnuovo e outro contornaria a localidade por leste.



Para favorecer o desembocar do ataque, foi executada de surpresa uma ação preliminar sobre a Cota 702, na madrugada de 05 de março, com pleno êxito. A progressão sobre a Cota 722 — Castelnuovo teria de vencer resistência inimiga, especialmente nas alturas de Soprasasso. Atacado diretamente, suas defesas foram fixadas até sua total neutralização já em fim de jornada, enquanto prosseguia a ação ofensiva ao longo da crista.

O desbordamento da povoação completou-se ao fim da tarde. Anoitecia quando o baluarte alemão de Castelnuovo caiu em nossas mãos.

Completava-se, assim, outra etapa vitoriosa da histórica campanha da 1.ª DIE. A hábil manobra, de precisa concepção e agressiva execução, contribuiu eficazmente para o encerramento da Ofensiva do IV Corpo de Exército Americano.

A nossa Divisão coroava, com pleno sucesso, a sua atuação no Vale do Rio Reno. Iniciavam-se, então, a rocada para o Vale do Rio Panaro e os preparativos para a Ofensiva da Primavera e as gloriosas jornadas de Montese, Zocca, Fornovo e Colecchio.

Humor Brasileiro na Itália

A veia humorística do nosso soldado manifestou-se em cada momento da Campanha da Itália. Apelidos, músicas, piadas ou histórias bem humoradas constituíram-se, também, numa forma bem brasileira de enfrentar as agruras daqueles meses de lutas e sacrifícios num país distante e desconhecido.

A propósito da captura do reduto de Soprasasso, um desconhecido poeta de pseudônimo "Saco A", assim se expressou:

"Adeus, adeus Soprasasso
Cabeça longa que a estrada
Numa contínua emboscada,
Como serpente vigia.
Adeus, ó reta da morte
Onde não foi por esporte
Que o mestre praça corria!"

Salomão da Rocha



Em 4 de março de 1897 morreu, em combate, o Capitão José Agostinho Salomão da Rocha.

Nos sertões de Canudos, em meio aos dramáticos acontecimentos que envolveram a expedição de Moreira Cesar, o bravo artilheiro Salomão da Rocha esculpiu, em meio à derrota, um inolvidável exemplo de estoicismo no cumprimento do dever.

Ninguém melhor do que Euclides da Cunha para transmitir a beleza do gesto do jovem oficial.

"Apenas a Artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e unida, solene, quase na marcha habitual de uma revista em que parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois lentamente, rodando, inabordável, terrível ...

A dissolução da tropa parara no aço daqueles canhões cuja guarnição diminuta se destacava maravilhosamente impávida, galvanizada pela força moral de um valente.

De sorte que no fim de algum tempo em torno dela se adensaram mais numerosos, os perseguidores.

O resto da expedição podia escapar-se a salvo. Aquela bateria libertava-a. De encontro aos quatro Krupps de Salomão da Rocha, como de encontro a uma represa, embatia e parava, adiava-se, avolumando e recuava, e partia-se a onda rugidora dos jagunços.

Naquela corrimaça sinistra, em que a ferocidade e a cobardia revoluteavam confundidas sob o mesmo aspecto revoltante abriu-se de improviso em episódio épico.

Contidos a princípio em distância, os sertanejos constringiam a pouco e pouco o círculo do ataque, em roda das duas divisões, que os afrontavam, seguindo a passo tardo, ou de súbito, alinhando-se em batalha e arrebentando em descargas, fulminando-os ...

As granadas explodindo entre os restolhos secos do matagal incendiavam-nos; ouviam-se lá dentro de envolta com o



Grupo Salomão da Rocha, Curitiba—PR



crepitar de queimadas sem labaredas, extintas nos brilhos da manhã claríssima brados de cólera e de dor e tontos de fumo, saltando dos esconderijos em chamas, rompentes à ourela da caatinga junto à estrada, os sertanejos em chusmas, gritando, correndo, disparando os trabucos e as pistolas assombrados ante aquela resistência inexplicável, vacilantes no assaltar a zargunchadas e a faca o pequeno grupo de valentes indomáveis.

Estes, entretanto, mal podiam prosseguir. Reduziam-se. Um a um tombavam os soldados da guarnição estóica. Feridos ou espantados, os muares da tração empacavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho ...

O coronel Tamarindo que volvera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente, na hora da catástrofe da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos.

Inteiramente só, sem uma única ordenança, o coronel Tamarindo lançou-se desesperadamente, o cavalo a galope pela estrada - agora, deserta - como se procurasse conter ainda, pessoalmente, a vanguarda. E a Artilharia ficou afinal inteiramente em abandono, antes de chegar ao Angico.

Os jagunços lançaram-se então sobre ela.

Era o desfecho. O capitão Salomão da Rocha tinha apenas em torno meia dúzia de combatentes leais. Convergiram-lhe em cima os golpes; e ele tombou, retalhado a foiçadas, junto dos canhões que não abandonara"

As nossas Unidades de Artilharia, em reconhecimento à brilhante atuação do herói artilheiro, têm dado o seu nome a algumas de suas dependências.

Foi prestada justa homenagem ao destemido artilheiro atribuindo-se ao 5.° GAC AP (Curitiba — PR) a denominação de GRUPO SALOMÃO DA ROCHA. Os integrantes dessa tradicional Unidade de nossa Artilharia saberão preservar e honrar o nome do bravo capitão.

Revolução Democr



Depois de 1935, a segunda investida, em 1964



Greves, desordens, pregação extremista, sob a orientação do CGT


Indisciplina, agitação, insegurança, nos dias que precederam ao movimento

Há dezenove anos o Brasil esteve na iminência de ter seu destino entregue a um regime totalitário, num processo praticamente irreversível. Naquela oportunidade, uma ideologia diametralmente antagônica aos ideais da nação brasileira, fazia sua segunda investida declarada, na tentativa de incorporar aos seus domínios mais oito e meio milhões de quilômetros quadrados, um contingente humano de setenta e seis milhões de pessoas, incalculáveis reservas de toda a sorte e uma privilegiada posição estratégica.

A primeira investida ocorreu em 1935, com requintes de perversidade e covardia, atitudes peculiares às pessoas para as quais o fim justifica os meios.

Tais fatos, testemunhados pelos mais velhos, vem sofrendo constantes deformações movidas por interesses escusos que buscam sonegar a verdade aos mais jovens.

No primeiro trimestre de 1964, o País era agredido pelas mais contundentes ações de uma conspiração que visava a conquistar o poder a qualquer custo. A agitação planejada, a exploração demagógica das insatisfações e as promessas impossíveis produziram um clima de incertezas e de insegurança, terreno fértil para as pretensões alienígenas.

A criação de condições intoleráveis para facilitar a adoção de uma "república sindicalista" etapa inicial para a implantação de uma república satélite do comunismo internacional, foi facilitada pelo próprio Governo.

As promessas de uma série de "reformas de base" — nunca definidas com precisão — iludiam as massas, crédulas e agitadas.

Congressistas integrantes da "Frente Parlamentar Nacionalista", participavam ativamente da trama, exigindo, inclusive, o fechamento do próprio Congresso Nacional.

O "Comando Geral dos Trabalhadores" (CGT), órgão filiado a entidade comunista internacional, assumia posição relevante nas decisões nacionais.

A União Nacional dos Estudantes — UNE deixou de ser entidade de classe, voltando-se para a agitação, ligada também às organizações sindicais nacionais e estrangeiras.

Nos centros urbanos, as constantes greves políticas de pressão eram seguidas por desordeiras concentrações populares, promovidas com verbas federais, onde pregadores extremistas exigiam a destruição violenta das instituições que até mesmo os protegiam.

A zona rural — onde dominavam o ódio, a revolta e o descrédito na autoridade — estava no limiar da luta fratricida

Os "Grupos dos Onze" e as "Ligas Camponesas" — organizadas sobre proteção do governo, proliferavam e lançavam a discórdia e a intolerância, induzindo a luta entre as classes sociais.

ica de 31 de Março

O meio militar, tradicional defensor dos princípios democráticos, não ficou imune ao processo de subversão da ordem. A disciplina e a hierarquia foram abaladas por minorias comprometidas com as esquerdas.

Os brasileiros tinham consciência de que suas liberdades estavam seriamente ameaçadas e todo um invejável patrimônio físico e moral, conquistado a custa de preciosas vidas, estava prestes a ser atrelado a interesses estranhos a nossa formação pacífica, ordeira e cristã. Até então, nunca as condições oferecidas aos mais inescrupulosos opressores das liberdades individuais foram tão favoráveis aos seus interesses, quer por omissão, quer por comprometimento.

O grito de socorro de uma nação angustiada ecoava pelos quatro cantos do território nacional. Uma das demonstrações mais insofismáveis de repulsa de nossa gente pelo ardil que se desenvolvia, foi a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", que reuniu em São Paulo cerca de oitocentas mil pessoas portandorosários e entoando cânticos religiosos. Foi um comovente apelo e, ao mesmo tempo, uma corajosa tomada de posição contra tudo aquilo que estavam querendo impor ao povo brasileiro.

As Forças Armadas, que vinham acompanhando diuturnamente a evolução do processo subversivo e conscientes da gravidade do momento, não ficaram insensíveis ao clamor popular.

Os clarins deram o toque de reunir e as verdadeiras lideranças civis e militares decidiram pôr termo ao conluio. Era o dia 31 de março de 1964.

A revolução, levada a efeito por grupos moderados e respeitadores da lei, logo encontrou ressonância em todos os segmentos da sociedade brasileira. Em pouco mais de quarenta e oito horas a democracia prevaleceu sobre o totalitarismo e a soberania nacional brasileira foi preservada, sem derramamento de sangue.

Transcorridas quase duas décadas da Revolução Democrática de 31 de março de 1964, seus ideais permanecem vivos, bem como a inabalável vontade de solidificá-los, a despeito das adversidades naturais ou induzidas pelos inimigos da paz social.

Ultrapassada aquela difícil conjuntura, os governos da Revolução dedicaram-se, incansavelmente, à restauração da economia nacional, às reformas estruturais que a Nação reclamava e ao restabelecimento do princípio da autoridade.

Sem dúvida o Brasil progrediu muito após a Revolução de 1964. Os empreendimentos efetivados nos setores básicos da infra-estrutura nacional — transporte, energia, siderurgia, telecomunicações e outros — trouxeram resultados altamente positivos ao nosso desenvolvimento econômico e social.

Apesar da crise financeira, de origem externa, nosso País prossegue resoluto sua caminhada em busca de um grandioso porvir.



Em 31 de março o Exército assumiu o compromisso de defender a democracia



A "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" foi uma eloqüente demonstração de repulsa à comunização do País



Os ideais de 1964 continuarão a ser preservados pelas Forças Armadas e pelo povo brasileiro

Ação Comunitária

Sem prejuízo da atividade-fim, tiveram prosseguimento, em todo o território nacional, as atividades de Ação Comunitária da Força Terrestre, merecendo destaque a Ação Cívico-Social (ACISO) empreendida pelas OM junto às populações do interior e da periferia dos grandes centros.

A perfeita integração entre o povo e o seu Exército, em grande parte resultou do espírito de participação comunitária que uniu, ao longo da nossa história, os quartéis às comunidades, nas fronteiras, nas selvas, nos sertões e nas cidades, num trabalho conjunto que perdura nos dias atuais.

A ACISO, atividade limitada no tempo e no espaço, não se confunde com esse trabalho histórico, mas inspira-se nele e nas tradições humanitárias e educacionais que todos cultuamos.

EsSA

Todos os anos, a Escola de Sargentos das Armas (Três Corações — MG) realiza uma Colônia de Férias, merecendo destaque a participação de estudantes da cidade.

Neste ano foram matriculadas 350 crianças na faixa etária de 5 a 12 anos.



55.° BI

O 55.° Batalhão de Infantaria (Montes-Claros — MG) desenvolveu uma ACISO com a finalidade de levar ensinamentos às populações de diversos municípios do Norte de Minas, de modo a contribuir para a melhoria de suas condições de vida.

Na oportunidade, foram visitadas as cidades de Varzelândia, Januária e Verdelândia, tendo sido realizadas as seguintes atividades: atendimento médico-odontológico, vacinação, reparos nas instalações hidráulicas e na rede elétrica das escolas, pintura de salas de aula, fornecimento de documentos diversos, realização de palestras ilustrativas versando sobre higiene e cuidados com a saúde, temas cívicos e uso da terra.

Os referidos trabalhos contaram com a colaboração de órgãos públicos e entidades civis da região.

Brigada Pára-quedista



A Brigada Pára-quedista (Rio de Janeiro — RJ) fez realizar uma ACISO desenvolvendo os trabalhos em duas áreas:

— no aquartelamento do 8.° GAC Pqdt (Deodoro — RJ) organizou uma Colônia de Férias, com atividades de educação física, iniciação desportiva, noções de higiene, primeiros socorros e civismo. Participaram cerca de 200 crianças de 7 a 14 anos;

— no local destinado à Instrução do Combatente Aeroterrestre (Serra de Madureira), desenvolveu atividades nos setores de saúde e distribuição de documentos atendendo 26.500 pessoas.

A ACISO, que contou com a cooperação de entidades civis e públicas de âmbito federal e municipal, possibilitou também a distribuição de medicamentos, o atendimento veterinário de pequenos animais e a realização de obras de recuperação em uma escola estadual.

1.° BI Mtz

O 1.° Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola) - Regimento Sampaio (Rio de Janeiro — RJ) realizou uma ACISO no município de Nova Iguaçu — RJ, atuando em bairros de alta densidade populacional e de baixa renda.

Tendo como pontos altos o planejamento e a coordenação, a ACISO contou com a colaboração dos órgãos públicos e de entidades civis da região.

Foram desenvolvidas atividades diversas nos setores de saúde e higiene, educação, veterinária, lazer, civismo e fornecimento de documentos, atingindo o expressivo total de 23.000 atendimentos.



Artilharia Antiaérea

Missil Roland

Foram realizados no Campo de Provas da Marambaia (Rio de Janeiro — RJ), os dois primeiros lançamentos de missil ROLAND no Brasil, contando com a participação de instrutores e monitores da Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea, em cooperação com o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento.

O ROLAND é um sistema de defesa antiaérea de origem franco-alemã destinado a engajar aeronaves em ataque a baixa altura (até 3.000 m).

O nosso Exército adquiriu postos de tiro Roland montados sobre o carro de combate alemão SPZ-MARDER, de 22 toneladas, com capacidade para o transporte de 10 misseis, dos quais 2 prontos para o lançamento. Os misseis são acondicionados em tubos de lançamento e o carregamento se processa automaticamente.

A guarnição é composta por apenas três elementos.

A grande probabilidade de acerto, o curto tempo de reação à ameaça aérea, a grande mobilidade tática e a disponibilidade permanente, fazem do ROLAND uma das armas mais eficazes da Artilharia Antiaérea, em sua faixa de emprego.



Dez anos do Alvo Aéreo



Data de 1972, o recebimento dos Alvos Aéreos Teleguiados de origem norte-americana, adquiridos pelo nosso Exército.

Com a chegada dos primeiros equipamentos era implantada na Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea, uma Seção de Alvos Aéreos, iniciando-se o adestramento com a colaboração da Marinha de Guerra do Brasil, que já possuía então, esse material.

Em setembro, a equipe da Escola realizava, na Barra da Tijuca, seu primeiro lançamento e, no final do ano prestava o primeiro apoio de instrução ao então 1.º GCan90AAe, sediado no Rio de Janeiro.

Decorridos dez anos, foram realizados 182 lançamentos, nos 48 apoios aéreos em vários pontos do Território Nacional, em proveito da própria Escola e de Unidades de Artilharia Antiaérea do nosso Exército.

Oerlikon

O 2.º Grupo de Artilharia Antiaérea (Osasco — SP) realizou, na região de Bertioga — SP, um exercício de tiro real com canhão Oerlikon 35mm. Participaram, também, a 11.ª Bia AAAe (Itu — SP) e a 12.ª Bia AAAe (Taubaté — SP).



Informe VO

Solenidade em Pistóia

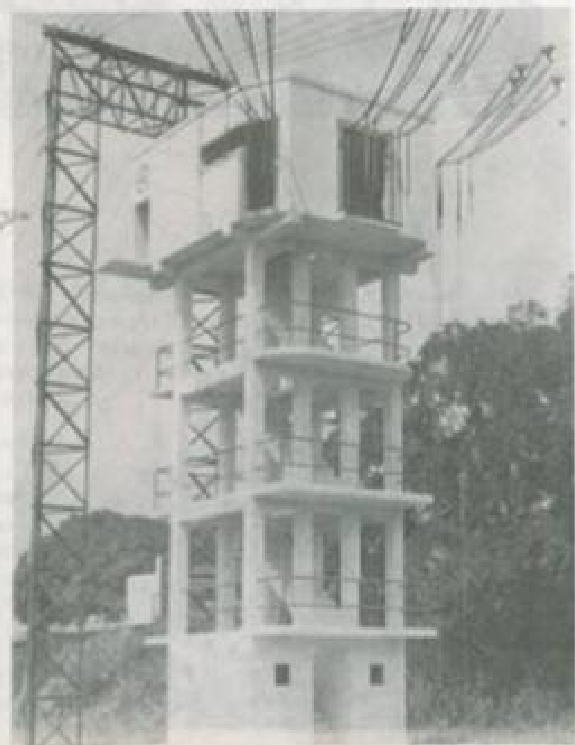
Realizou-se no Monumento Votivo Militar Brasileiro, em Pistóia, Itália, a solenidade para homenagear os brasileiros mortos em combate em solo italiano durante a 2.ª Guerra Mundial.

A programação foi organizada pelo Prefeito e pelo Comandante Militar de Pistóia, como parte das atividades de Comemoração da Jornada das Forças Armadas Italianas, e prestigiada com a presença de autoridades locais, dos Adidos das Forças Armadas Brasileiras e do expressivo público.



Torre de Lançamento

A CRO/1 concluiu e entregou ao Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil a Torre de Lançamento n.º 4. A sua utilização irá contribuir sobremaneira para um melhor rendimento da instrução na Área de Estágio daquela Unidade-Escola.



Forte de Coimbra



Em solenidade presidida pelo Comandante da 1.ª Bateria do 6.º Grupo de Artilharia de Costa (Coimbra — MS) foi inaugurado o Portal da OM, descerrado pelo 3.º Sgt Iracy Borges, o militar com mais tempo de serviço na Guarnição — 21 anos.

Balneário Praia do Y

O 17.º Grupo de Artilharia de Campanha (Natal — RN), a fim de melhorar as condições de lazer de seus integrantes, implantou na Praia do Y um autêntico Balneário, com instalações desportivas, bar, churrascaria e iluminação.



Poço Artesiano

Entrou em operação o novo poço artesiano do 4.º Batalhão de Polícia do Exército (Olinda — PE), representando uma solução definitiva para o problema de água da Unidade e da Vila Militar. O poço antigo, cuja análise química definiu a água como não potável, motivou a escavação do novo poço. Além dos benefícios advindos com a água de excelente qualidade, a medida veio representar uma acentuada economia de combustível e de material moto, pois foi eliminado o transporte diário, realizado com reboque cisterna.

Demolição de Reservatório

O 2.º Batalhão de Engenharia de Combate (Pindamonhangaba — SP) procedeu, com sucesso, à destruição de um reservatório desativado junto à estação de tratamento de água na cidade de Taubaté — SP.

A demolição foi dificultada em virtude do reservatório situar-se a 30 metros da Rodovia Presidente Dutra, da existência de residências particulares a 50 metros e da estação de tratamento a 10 metros.

Nos diversos pontos críticos foi desenvolvido, pelos oficiais do Batalhão, um planejamento que incluiu cargas de ruptura direcionadas e cargas de cizalhamento.

O reservatório caiu sobre si mesmo, não tendo causado qualquer dano às instalações que o circundavam.



Monumento ao 7.º BC

O 18.º Batalhão de Infantaria Motorizado (Porto Alegre — RS) iniciou os trabalhos relativos às fundações do Monumento ao 7.º BC, que constará da reprodução da fachada do antigo prédio, onde será fixado o portão que pertenceu à Unidade, da qual o 18.º BIMtz é originário.



Estande de tiro



O 37.º Batalhão de Infantaria Motorizado (Lins — SP) inaugurou seu Estande de Tiro, construído dentro dos padrões estabelecidos pelo Estado-Maior do Exército. A solenidade, presidida pelo Comandante do Batalhão, contou com a presença de várias autoridades locais e foi coroada com uma competição entre as subunidades.

Solução econômica



Na procura de soluções econômicas para os problemas de manutenção, o 21.º Batalhão Logístico (Magalhães Bastos — RJ) realizou a transformação dos estribos nos carros de transporte de pessoal.

A observação do desgaste nas referidas viaturas exigiu a adoção de estribos feitos de material antiderrapante, para maior segurança, conforto e mobilidade dos usuários.

D F P C

Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados

Em 1934 passavam a ser controladas, no Brasil, com maior rigor, a instalação e o locenciamento das fábricas civis destinadas ao fabrico de armas, munições, pólvoras, explosivos e artigos pirotécnicos, bem como tornado obrigatório o registro, no então Ministério da Guerra, de firmas que necessitassem importar, manipular ou negociar com os supracitados produtos, em razão precípua de sua utilização no meio civil. O órgão encarregado da execução da fiscalização dessas atividades passou a denominar-se "Serviço de Fiscalização de Importação, Depósito e Transporte de Armas, Munições, Explosivos, Produtos Químicos Agressivos e Matérias Primas Correlatas".

Com o nosso desenvolvimento, o decreto de criação do Serviço foi sofrendo modificações sucessivas, originando o R-105 — Regulamento do "Serviço de Fiscalização da Importação, Depósito e Tráfego de Produtos Controlados pelo Ministério do Exército" — SFIDT, aprovado por decreto de janeiro de 1965. Esta sigla tornou-se conhecida em todo País, através de rede nacional, desde as Regiões Militares até as mais remotas guarnições de fronteira e cuja ação global era coordenada pelo Departamento de Material Bélico (DMB).

O SFIDT

Em sua trajetória de expressivos trabalhos, o Serviço enfrentou numerosos óbices, dos quais podem ser destacados:

— a imensidão do Território Nacional somado à deficiência, na época, de comunicações adequadas;

— a falta de uma instrumentação normativa que respondesse às crescentes necessidades de controle, decorrentes da evolução da indústria nacional de material bélico, fato esse existente até recentemente;

— a falta de uma mentalidade específica por parte de inúmeros órgãos públicos, da União e dos Estados, que integram a cadeia de fiscalização e controle.

A EXPORTAÇÃO

Os sucessivos estágios do desenvolvimento industrial alcançados, no decorrer da década de 70, contribuíram para que o País se habilitasse como exportador de produtos os mais diversificados e, dentre eles o material bélico.

Não obstante a louvável iniciativa privada de então, a exportação de material de emprego militar deixava a desejar, sobretudo, levando-se em conta:

— o método empírico e inadequado de como se processavam tais exportações;

— as amplas implicações políticas que poderiam ser geradas no campo internacional, caso não fossem essas exportações analisadas, previamente, a nível de governo:

— o fato de que essa matéria se encontrava parcialmente regulada no R-105 e em esparsa legislação de outros ministérios, que não mais atendiam aos interesses nacionais relacionados com o desenvolvimento e a segurança.

Tais fatos levaram o Governo, a partir de 1975, a regular as exportações desse material, através de uma diretriz geral para a Política Nacional de Exportação de Material de Emprego Militar (PNEMEM). Visando a assegurar a qualidade do produto a exportar, determina essa Diretriz uma rigorosa fiscalização da fabricação e recebimento desse material, através de fiscais — Oficiais Engenheiros Militares.

Com o gradual desenvolvimento da produção e exportação de material bélico, a partir de 1978, aumentaram os encargos de ordem técnica e os de natureza burocrática do SFIDT/DMB.



A DFPC está localizada no Quartel-General do Exército, em Brasília



As indústrias que operam com produtos controlados estão registradas na Diretoria



A nova Diretoria fiscaliza a exportação de material de emprego militar

A NOVA DIRETORIA

Havia necessidade de uma estrutura funcional, nova e adequada, que permitisse atender, não só as incumbências reguladas no R-105 e pertinentes à fiscalização, comércio e manuseio de produtos controlados, como as prescritas nas "Diretrizes Gerais da Presidência da República" e atinentes ao controle da exportação de material de emprego militar.

No início de 1982, o DMB desenvolveu estudos em torno da criação de um órgão fiscalizador mais consentâneo com a nova realidade e a nível de Diretoria.

Em decreto de outubro de 1982 era criada a "Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados" — subordinada ao DMB.

A DFPC inicia um novo ciclo de responsabilidades do Exército nesta difícil tarefa que, muito de perto, toca os interesses econômicos e de segurança do País.

A DFPC está localizada no Quartel-General do Exército, em Brasília e está organizada em um gabinete e quatro seções:

— Técnica, abrangendo a legislação e os assuntos jurídicos

— Fiscalização de Produtos Controlados

— Fiscalização da Exportação de Material de Emprego Militar

— Programação, Mobilização e Estatística

A Diretoria exerce suas atribuições, em âmbito nacional, através dos Comandos das Regiões Militares, que dispõem, em sua organização, dos Serviços de Fiscalização de Produtos Controlados.

A nova Diretoria representa um importante elo entre a iniciativa privada, os órgãos públicos e a segurança nacional.